

MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO

(Estudo sobre a representação do malandro num conto de João Antônio)

Carlos Alberto Farias de Azevedo Filho

Rua José Cezarino da Nóbrega, 180 aptº 306 Jd. São Paulo
João Pessoa-PB

Resumo

Leitura do conto Malagueta, Perus e Bacanaço do escritor João Antônio a fim de se encontrar a representação do autor sobre a figura do malandro.

I- Introdução

A figura do malandro, sem a menor dúvida, é uma espécie de “instituição nacional”. De certa forma, as diversas representações sociais existentes na sociedade brasileira tendem para caracterizar esta personagem como sendo uma espécie de símbolo de nossa esperteza, marca de nossa diferença em relação aos outros povos. O brasileiro é malandro e sempre quer se dar bem- esta é uma das imagens mais correntes na cabeça das pessoas.

Tais imagens que circulam socialmente são facilmente encontradas em diversos produtos culturais, como por exemplo o filme *Ópera do Malandro*, dirigido por Ruy Guerra com música composta por Chico Buarque. A malandragem é vista ao mesmo tempo como positiva e negativa. Em uma hora é colocada como sendo uma característica singular do povo brasileiro, marca de nossa esperteza frente ao estrangeiro ou mesmo às adversidades da vida. Noutro momento, encarada como defeito, desajustamento de um indivíduo em relação ao resto da sociedade.

O presente estudo tem como objetivo pesquisar as diversas nuances dessa representação a partir de uma leitura do conto *Malagueta, Perus e Bacanaço*, publicado em 1963, num livro com título homônimo, pelo escritor paulista João Antônio. Ele é o último texto do primeiro trabalho do escritor, fazendo parte também de um grupo de contos que falam sobre o universo da sinuca e seus grandes malandros.

O importante, como ponto de partida teórico, é dizer que iremos estudar a questão da malandragem a partir do contributo do antropólogo carioca Roberto DaMatta²⁹.

Convém também afirmar que os escritos de João Antônio não corroboram com, se podemos chamar assim, com a *ideologia da malandragem*. Pelo contrário, os textos do escritor sempre mostram o universo do malandro a partir de um ponto de vista crítico e até certo ponto fatalista. Ao não reforçar a chamada figura do bom malandro, o contista rema contra a maré, contra um conhecimento fácil e aparente da realidade. As personagens (malandros do jogo de sinuca) são representações literárias de uma realidade muito específica,

²⁹ Iremos utilizar alguns conceitos encontrados nos textos que costumam em

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis-*

para uma sociologia do dilema brasileiro. 5ª edição

Rio de Janeiro: Editora Guanabara: 1990

_____ *O Que Faz o Brasil, Brasil?*. 7ª edição,

Rio de Janeiro: Editora Guanabara; 1994

_____ *A casa & a rua*. Rio de Janeiro: 4ª edição

(revista e ampliada): Editora Guanabara: 1991..

de uma faixa da população, de um extrato de uma camada que é marginalizada no mundo capitalista, o lumpem-proletariado.

A figura do malandro no conto *Malagueta, Perus e Bacanaço* é construída sem retoques. O universo social em que os malandros estão encravados é muito específico e João Antônio conseguiu como ninguém retratar tal cultura, tal modo de vida.

Como grupo social, ou melhor, como extrato de um grupo social, o malandro é também um excluído no sistema capitalista. Só que seu “trabalho” é diferente, seu “batente” é outro, é específico.

Os trabalhadores em geral estão colocados no mercado de trabalho, fazem parte das engrenagens que movem o chamado sistema de produção de riquezas. Eles vendem a força de trabalho em troca de um salário (irrisório) e possibilitam uma *mais valia* ao patrão, à empresa. Já o malandro é a figura não se encaixada no mercado de trabalho formal ou informal, por motivos variados, tendo que desenvolver estratégias de sobrevivência (roubo, golpes em otários, jogo, contravenção etc).

Ao negar o sistema de trabalho assalariado, o malandro nega a sociedade como um todo suas regras, seus códigos de distribuição de renda entre outras coisas. E, a partir da construção de um modo de vida específico, ele se coloca fora das regras, fora da lógica do mercado. Seu “trabalho” é diferente, consiste na tentativa de sobreviver a partir da esperteza, de modos de vida considerados fora da norma, portanto perseguidos pela polícia e pela Lei.

Ao tentarem se safar das atribuições, os malandros criam éticas próprias e uma cultura própria de grupo. Assim, João Antônio, ao longo de sua obra literária, soube com muita fidelidade traçar um perfil do malandro brasileiro, não se rendendo a uma ideologia do “malandro cordial”, do “bom malandro”, do “malandro estilizado” entre outros rótulos domesticadores.

Ao realizar este estudo, estamos aprofundando também o trabalho de reflexão sobre a obra literária/jornalística do escritor João Antônio, objeto de nossa futura dissertação de mestrado na área de Literatura Brasileira, na UFPb.

Portanto, vale lembrar ainda que nosso posicionamento frente à obra de arte literária é de respeito às suas especificidades. Mas também achamos, como pensam alguns críticos ou teóricos da área, que a literatura carrega também seus nexos com a realidade³⁰. A dialética texto/contexto, literatura e sociedade é um dos pontos de grande debate no campo da letras brasileiras e vem dando ao público obras de valor como por exemplo as de Antonio Candido³¹ e Roberto Schwarz. A literatura exprime os valores sociais de maneira artística, com seus códigos e ângulos próprios. Cabe ao crítico identificar, em quais momentos, há a dialética entre processo social e forma literária.

Para finalizar a introdução, queremos expor a nossa metodologia, que vai ser simples. Iremos seguir o encadeamento lógico do conto, ou seja, as discussões por ele

³⁰ Sobre este assunto ver:

CANDIDO, Antônio- *Literatura e Sociedade*. São

Paulo: Companhia Editora Nacional em co-edição

com a Edusp: 1965

³¹ Antonio Candido fez um estudo denominado *Dialética da Malandragem*, no qual ele analisa o romance *Memórias de um Sargento de Milícias* a partir de um referencial marxista e dialético. No ensaio, ele fala sobre o surgimento de uma das primeiras personagens que representam o malandro na literatura brasileira, que é o Leonardo, uma espécie de “pai” ou “avô” de Macunaíma, de Mário de Andrade. Ver referência completa no final deste ensaio.

levantadas a partir de um enredo linear como é *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Além disso, iremos tentar mostrar o máximo de elementos constitutivos do modo de vida destas figuras malandras, para as quais a *casa é a rua*.

2- O Cenário da Rua

Na quarta edição do volume *Malagueta, Perus e Bacanaço*, de 1976, que saiu pela Civilização Brasileira, o crítico Mário da Silva Brito assinala que o João Antônio é um contista essencialmente urbano que tenta retratar “a vida, paixão e agonia do lumpem-proletariado”.

Malagueta, Perus e Bacanaço, como o próprio título diz, retrata as aventuras noturnas de três jogadores de sinuca em busca da sobrevivência. O interessante é que se trata de uma ação desenvolvida numa área urbana, justamente no horário em que as pessoas ditas “normais”, trabalhadoras e honestas estão tentando se recolher à segurança e conforto da casa. É no fim de tarde e começo de noite que os malandros despertam. Eles trocam o dia pela noite e na noite fazem a *viração*, ou seja, o movimento constante pela vida, pela sobrevivência, em busca de um joguinho fácil e rentável.

Numa pequena entrevista de apoio, publicada na edição paradigmática do conto, o escritor João Antônio afirma que “*Malagueta, Perus e Bacanaço* é simplesmente uma aventura noturna que cansei de viver logo quando saí do quartel, e que consistia em tentar arranjar algum dinheiro em andanças pelos salões de sinuca. Isso, em geral, era feito pelas últimas horas da tarde, entrando pela noite e madrugada”³².

De fato, se observarmos ainda melhor, veremos que a aventura tem um roteiro circular. Os malandros partem da Lapa, nas primeiras horas da noite, depois passam por Água Branca, Barra Funda, Cidade, Pinheiros e finalmente retornam à Lapa, nas primeiras horas do dia seguinte. É nesse itinerário, que João Antônio vai nos mostrar as mais variadas situações e também os mais variados tipos humanos que “habitam” a noite, as frias madrugadas.

O espaço, enquanto categoria, serve ao escritor João Antônio para fazer o encontro entre os malandros e os otários. É no fim de tarde e começo da noite que os operários saem do trabalho e se dirigem às suas residências. É nesse horário também que os malandros iniciam as suas aventuras nas ruas. A casa e a rua- categorias usadas pelo antropólogo Roberto DaMatta para entender o sistema de relações do Brasil se adequa a nossa análise.

Vejamos:

*“A rua pode ter locais ocupados por categorias sociais que ali ‘vivem’ como ‘se estivessem em casa’, como dizemos em linguagem corrente (...) Não é preciso acentuar que na rua devem viver os malandros, os meliantes, os pilantras em geral - ainda que esses mesmos personagens em casa possam ser seres humanos decentes e até mesmo bons pais de família. (...) a rua como algo propício a desgraças e roubos, local onde as pessoas podem ser confundidas e tomadas pelo que não são.”*³³

³² ANTÔNIO, João- *Malagueta, Perus e Bacanaço* .

São Paulo: Editora Ática: 1987 .

³³ DAMATTA, Roberto- *A casa & a rua*- Rio de

Janeiro: 4ª edição: p.66 a 68- Editora Guanabara:

1991.

Enquanto os trabalhadores formais e informais se recolhem à tranquilidade e segurança de suas *casas*, os malandros Malagueta, Perus e Bacanaço se entregam aos perigos da *rua*. E no livro, não cessam as imagens nas quais as ruas são descritas como lugares perigosos, barulhentos e sujos. A rua, no conto de João Antônio, é palco para a luta pela sobrevivência, para a luta de malandros contra malandros, malandros contra polícia, malandros contra otários.

O crítico norte-americano Malcolm Silverman, um dos grandes difusores da literatura brasileira nos EUA, apontou que é uma característica comum a muitos escritos de João Antônio é se retratar o espaço urbano como opressivo:

*“Vista a preocupação de João Antônio com a paisagem humana do (lumpem) proletariado, seus cenários preferidos são logicamente urbanos (...) a atmosfera resultante é invariavelmente opressiva, quase sempre sócio-econômicamente desfavorecida, o mais das vezes espiritualmente vazia (...)”*³⁴

3- O Jogo da Vida

Perus, Bacanaço e Malagueta- nessa ordem- o jovem, o homem maduro e o velho. Com isso, João Antônio quis sintetizar as três fases da vida, três momentos, três depoimentos sobre a vida no submundo do sistema capitalista. E o itinerário desses três é circular - ou seja- saem da Lapa e para lá retornam. Nos primeiros jogos (em Água Branca), eles conseguem arrancar mais de três mil em dinheiro das mesas, dos otários. Só que em seguida, em outras duas “estações”, eles são pilhados por policiais e também são golpeados por outro malandro mais esperto, Robertinho Chegando à Lapa, cansados, sem dinheiro e com sono, eles estão em situação igual a que saíram:

*“A curriola formada no velho Celestino contava casos que lembravam nomes de parceirinhos.
Falou-se naquela manhã por ali passaram três malandros, murchos, sonados, pedindo três cafés fiados”*³⁵

No conto de João Antônio que nós nos detemos na análise, há sempre uma constante referência, até certo ponto fatalista e pessimista, em relação ao destino da malandragem³⁶. Tanto no desfecho da narrativa, quanto em discursos das próprias personagens, percebe-se isso.

Mesmo sendo muito esperto, desenvolvendo suas estratégias para a sobrevivência diária (engodo, roubo jogo etc) , o malandro sempre será um excluído, alvo da exclusão. Não estando alinhado à produção nem aos mecanismos do capitalismo ele sempre será perseguido pela ordem. Um exemplo disso é o encontro dos três malandros com o velho inspetor Lima, também jogador, nas mesas do bar Joana d’Arc, em Água Branca. Policial aposentado, Lima

³⁴ SILVERMAN, Malcolm- *Moderna Ficção Brasileira*

³⁵ ANTÔNIO, João- *Malagueta, Perus e Bacanaço*. São Paulo: Editora Ática: 1987.

³⁶ É interessante também notar que SILVERMAN(1981 67) também nota tal fato e relaciona-o com a categoria do espaço. Veremos também, mas na frente desse ensaio, que isso também ocorre com relação ao tempo da narrativa

veste um pijama e é assíduo frequentador dos ambientes de jogo. Lá ele dá “lições” para alguns estudantes/otários sobre a malandragem e o jogo:

“Tudo aqui é passageiro- arrotava.- Não é expediente de gente que se preze. Gente moça namora, noiva e casa. É o caminho certo. Aqui não; aqui é o fim . (...) Habitante daqui é futuro residente da Casa de Detenção (...) ou do Hospício (...) a maior malandragem, meus filhos, é a honesta” (p. 27 e 28).

Um dos melhores momentos de João Antônio é quando ele compara o inspetor aposentado Lima com o velho malandro jogador Malagueta:

“Não era um malandro, nem era um velho coiô. Nem era um velho acordado como Malagueta e outros, sem aposentadoria, sem chinelos, sem pijama, sem quarto onde pousar e que têm de seu a cara e a vontade. Enfrentam as virações e a polícia porque têm fome. E vão como viradores, sofredores, pés-de-chinelo. E só.” (p.28)³⁷

Mais na frente, ao longo da narrativa a personagem Malagueta será comparada a um cachorro de rua. Velho jogador, Malagueta não tinha nenhuma garantia, nenhum direito como o inspetor aposentado Lima. A sua condição social é igualada a de um cachorro:

“Veio o vira-lata pela rua de terra. Diante do velho parou, empinou o focinho, de olhos tranquilos esperava algum movimento de Malagueta (...) O velho olhando o cachorro. Engraçado- também ele era um virador. Um sofredor, um pé-de-chinelo, como o cachorro. (...) Vida torta, tortinha, feito vida de cachorro escorraçado” (p. 38 e 39)³⁸

Devemos salientar que o jogo de sinuca no conto de João Antônio é metáfora da vida. As personagens constroem uma auto-imagem de ganhadoras só que ao final da narrativa elas perderam quase todo o dinheiro. Malagueta, Perus e Bacanaço são quase que forçados pelo processo de marginalização econômica a tentarem mudar de vida nas mesas de jogo. No entanto, mesmo tendo desenvolvidas várias habilidades técnicas são enganados por um malandro mais esperto, Robertinho. Quem faz esta comparação entre o jogo e a sociedade é o próprio João Antônio em outro livro:

“Então a sinuca é uma cópia da sociedade (...) é a própria síntese do patético da vida, da dramaticidade, da luta”³⁹

3- Correndo Contra o Tempo

Segundo o antropólogo Roberto DaMatta, “não se pode falar de fato de espaço sem falar de tempo”⁴⁰. E no conto *Malagueta, Perus e Bacanaço* a percepção dessas duas categorias se complementam.

Tanto os malandros e trabalhadores de um lado, quanto os agentes da ordem convivem no mesmo espaço que é a rua. O que os diferencia são seus papéis e modo como ocupam/ utilizam o espaço da rua e o tempo.

³⁷ Idem

³⁸ Ibidem

³⁹ ANTÔNIO, João- *Casa de Loucos*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira: 1976

⁴⁰ DAMATTA, Roberto- *A casa & a rua*: Rio de janeiro: Editora Guanabara:1991

Como já assinalamos, o malandro desenvolve suas atividades em horário diferente da maioria dos trabalhadores: a noite e madrugada. Configura-se assim, além da oposição trabalho *versus* não-trabalho, a relação *dia* (tempo do operário) e *noite* (tempo do malandro).

A literatura, como também em outras artes, proporciona uma percepção de tempo diferenciada do real, da realidade. Mesmo um tempo de uma narrativa sendo desenvolvido linearmente, ele contém elementos subjetivos na sua percepção.

É o caso texto estudado. Narrado de forma linear, *Malagueta, Perus e Bacanaço*, de João Antônio tem como estratégia para a expressão de uma certa verossimilhança com a realidade, a opção pela narração dos fatos de maneira cronologicamente convencional.

O conto começa no fim de tarde e começo de noite e termina na manhã seguinte: cerca de 14 horas aproximadamente. O tempo corre linearmente, mas no entanto é percebido diferenciadamente por cada personagem. Isso é possível por conta da oscilação do foco narrativo da terceira pessoa para a primeira pessoa do singular no texto do escritor.

Mas, no geral, a passagem do tempo tem relação, no conto, com o afã das personagens Malagueta, Perus e Bacanaço em conseguir dinheiro, em ganhar os jogos e enganar os otários. É como se o tempo lhes oprimisse. Eles correm para ganhar mais e mais. No entanto, finda a noite, os jogadores estão colocados na mesma situação de penúria em que estavam antes.

4- Dialética da Ordem/Desordem

Ao atravessarem a cidade de São Paulo, durante a madrugada, os três malandros encontram com os mais variados tipos da noite. Prostitutas, jogadores de sinuca, donos de bar, travestis, detetives aposentados, policiais corruptos - estes são algumas personagens que aparecem na narrativa *Malagueta, Perus e Bacanaço*.

Como um movimento de uma câmera, em panorâmica, o escritor nos mostra o cotidiano da noite/madrugada. E quem conduz os leitores são três tipos característicos desse cenário: os jogadores de sinuca Malagueta, Perus e Bacanaço. Ao avançarem, de mesa em mesa, de bar e bar, em busca de sucesso nos jogos, os três “espertos” vão se deparando com toda a “fauna” do submundo.

Um dos aspectos do longo conto de João Antônio que se deve reparar é como ele representa a chamada dialética entre ordem/desordem, entre lei e infração. Para tanto, ele se vale da figura dos protagonistas, três jogadores de sinuca para lá de malandros, que aprontam tudo em busca da sobrevivência. A marginalidade é como que justificada pela busca da sobrevivência. Os três homens se metem nas mais variadas enrascadas em busca do cotidiano sustento e não de diversão como se pensa. O tom da narrativa é meio que fatalista. Eles têm que se jogar na “viração” porque é dessa forma que eles sobrevivem.

Ao frequentarem as mesas de jogos e saírem pela madrugada, os malandros, agentes da desordem, se deparam com a lei. Só que os representantes dessa lei também estão engajados na chamada ciranda da malandragem. Veja-se, o primeiro contato com o inspetor Lima, velho policial aposentado, que se diverte nos salões de sinuca:

“O velho inspetor Lima, gordo polícia aposentado, era dono daquela roda, conhecedor de muitas manhas (...) mesmo de pijama ali pelas duas da tarde e se enfiava no moquifo. Ali jogava, ali jantava sanduíches, ali mesmo ficava, plantado feito um dois-de-paus, ganhando as malícias das mesas (...) falava de malandros fracassados.”⁴¹

⁴¹ Op cit

Ao representar o velho inspetor Lima, João Antônio lhe atribui uma “farda” de aposentado: o pijama e chinelos. Como ex-agente da ordem, Lima ainda mete medo nos malandros Malagueta, Perus e Bacanaço. Ridicularizado pelas suas vestes impróprias, o inspetor se entrega ao jogo, atividade que ele sempre reprimiu durante a sua atividade profissional na juventude. Enganado pelos três malandros, que lhe ganham uma série de partidas, este foi o fim desse agente da lei.

Um outro encontro com a polícia será na quarta parte do conto, na Cidade. Ao chegarem no salão-de-jogos Paratodos, os protagonistas encontram com o negro Silverinha, um tira da ativa, também metido com sinuca. Ao contrário do velho inspetor Lima, Silverinha consegue arrancar dinheiro dos três jogadores através de extorsão, aplicando a “lei” indevidamente para se beneficiar. Vejamos alguns trechos:

“Assim eram todas as madrugadas do Paratodos, ponto do Silveirinha. Surgisse malandro desconhecido, cara ignorada, o tira ia ao ataque, exigia com firmeza. Fácil, fácil. Era o comum das noites (...)aquilo sempre- vadio é que fica debaixo da sola do sapato da polícia (...)saber ali não saberia , quem ali era polícia, quem ali era malandro (...)”⁴²

A falta de clareza em saber quem é malandro, quem é agente da ordem se dá por conta da invasão dos agentes da lei no território da malandragem. O território da malandragem é constantemente “invadido” pelos agentes da lei, os representantes da ordem, que na visão do escritor, são mais malandros do que os próprios malandros.

A dialética da desordem é mais evidente no texto quando ele representa os outros seres que frequentam as madrugadas da “viração”. Na base dessa pirâmide, as prostitutas, que além da opressão do sistema, são agredidas também pela violência de gênero. Vale destacar como João Antônio retrata as prostitutas em seu texto:

“Mulheres da hora moviam as cabeças para a direita, para a esquerda, para a frente, na tarefa de chamar homem. A pintura nas caras e nos cabelos se exagerava e elas encostavam-se às beiradas, mascavam coisas, fumavam muito. Ficavam nos cantos, intoxicadas, para enfrentar a rua (...)As roupas apertando carnes, que com exagero os decotes mostravam. Umas riam, convidavam, cantarolavam, diziam provocações, piscavam os olhos como menina fazendo arte. Quando em quando, um casal se formava, ela caminhava na frente, rumo ao edifício, a chave na mão, o homem atrás. Intoxicadas. A Amador Bueno era triste”⁴³

Para compreender a dupla opressão recebida pela mulher, que sofre por vender o corpo e também nas relações de gênero, basta citar o caso da personagem Marli, uma negra, prostituta, amante de Bacanaço. “Fazendo a vida num puteiro”, como diz o texto, Marli ainda apanhava de Bacanaço por ela não lhe entregar todo o dinheiro da “produção”:

“Se a desobediência se repetia, o cacete se dobrava. Bacanaço se atilava em crueldades mais duras. (...)Malhava aquele corpo contra as paredes, dava-lhe nos rins, nos nós e nas pontas dos dedos. Encostava-lhe o cigarro aceso nos seios. Às vezes, Marli urinava”⁴⁴

As relações amorosas são reduzidas a apenas trocas monetárias. Um dos sonhos de Bacanaço, negro malandro, é de ser rufião de uma prostituta de luxo:

⁴² op cit

⁴³ Op cit.

⁴⁴ Op. cit.

“ *Tinha na mira uma prostituta de fama, um pedaço de mulher (...)fregueses de quilate, políticos e outros bichos, vestida como madame (...) mulher com situação, uma apartamento(...)Uma égua de raça, que corria na boca e na pretensão de grandes malandros (...) Para a fantasia de Bacanaço, aquela mulher lhe daria por baixo, baixo, para começo de conversa, um carro de passeio. E quatro mil cruzeiros por dia.*”⁴⁵

A violência, diferentemente dos contos do também contista Rubem Fonseca, é consequência de uma ordem social e economicamente desumana. O que vale é a lei dos mais fortes. Os policiais oprimem os três malandros, os malandros exploram suas prostitutas e assim por diante. Se a ordem das coisas é desfavorável, cada um cuida de si.

5- Considerações Finais

Um dos melhores escritos de João Antônio, o texto *Malagueta, Perus e Bacanaço* nos permitiu estudar como um escritor brasileiro constrói a representação da figura do malandro e suas relações com o sistema capitalista

A partir do ponto de vista teórico de um antropólogo como Roberto DaMatta, podemos constatar a dicotomia *casa e rua* para a sociedade brasileira. E a partir desse ângulo, podemos compreender melhor o texto literário. Como contista dos grupos sociais urbanos despossuídos, João Antônio nos mostra a crueldade das ruas como metáfora do sistema opressor e da sociedade capitalista.

Também não poderíamos finalizar este estudo sem apontar a importância sobre a pesquisa elaborada pelo autor para construir seu repertório verbal. As expressões, gírias e outros elementos do tecido verbal elaborados pelo escritor já foram alvo de dissertações universitárias⁴⁶.

Esperamos que este primeiro contato crítico com os escritos de João Antônio sirva para chamar atenção para esse autor que hoje encontra-se esquecido do mercado editorial e que tem a maioria de seus livros esgotados. Temos também, tentar jogar um pouco de luz sobre a ficção que foi elaborada durante as décadas de 60 e 70, ficção esta perfeitamente atendida com questões fundamentais da sociedade, como por exemplo os conflitos sociais do mundo urbano capitalista.

⁴⁵ Op. cit.

⁴⁶ CABELLO, Ana Rosa Gomes. *A gíria como linguagem literária em contos de João Antônio*. Baurú: Universidade do Sagrado Coração, 1988.

6-Bibliografia

- ANTÔNIO. João- *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963
- _____. *Casa de Loucos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974
- CABELLO. Ana Rosa Gomes- *A gíria como linguagem literária em contos de João Antônio*, Bauru: Universidade Sagrado Coração: 1988
- CANDIDO. Antonio- *Literatura e Sociedade*. Companhia Editora Nacional; Edusp/ São Paulo, 1965
- DAMATTA. Roberto- *Carnavais, Malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990
- _____. *O que faz do brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 7ª edição, 1994
- _____. *A Casa & a Rua*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1991
- POLINÉSIO. Júlia Marchetti. *O Conto e as classes subalternas*. São Paulo: Anablume, 1994
- SILVERMAN, Malcolm- *Moderna Ficção Brasileira 2*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.